

UMA HISTÓRIA DO SAMBA, AS ORIGENS – RESISTÊNCIA E CONFORMISMO NA TRAJETÓRIA DO MAIS BRASILEIRO DOS GÊNEROS MUSICAIS

Francisco de Assis Sales e Costa Júnior¹

Samba,
Inocente, pé-no-chão,
A fidalguia do salão,
Te abraçou, te envolveu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você não percebeu,
Mudaram toda a sua estrutura,
Te impuseram outra cultura,
E você não percebeu.

Agoniza mas não morre - Nelson Sargento

O jornalista cearense Lira Neto (Fortaleza, 1963) tornou-se um dos principais biógrafos brasileiros após a publicação da reconhecida e exitosa trilogia sobre a vida de Getúlio Vargas, em 2012. Antes, o jornalista já havia biografado o farmacêutico cearense Rodolfo Teófilo (1999), o líder religioso Padre Cícero (2009), a cantora Maysa (2007) e o general Castelo Branco (2004). Seu trabalho sobre o escritor cearense José de Alencar em 2006 levou Lira Neto a receber o prêmio Jabuti – o mais cobiçado prêmio literário do país.

Aqui trataremos de resenhar sua última biografia publicada: *Uma história do samba, as origens* (Companhia Das Letras, 2017). É o primeiro volume de uma trilogia. Nesse trabalho, Neto conta a história de outra importante personalidade brasileira: o samba.

Para construir sua narrativa biográfica, o jornalista cearense reaproveita parte do material da pesquisa sobre a vida de Vargas. Isso se deve ao fato de que a consolidação do samba como gênero nacional ocorre exatamente na década de 1930, período em que Getúlio governa o país. Outra parte do material da biografia do samba brasileiro foi garimpada no Arquivo Nacional e na Biblioteca Nacional.

Lira Neto explora nessa biografia as dimensões contraditórias do samba: a resistência e o conformismo. Para ele, nesse aspecto, Brasil e samba são muito parecidos².

O Rio de Janeiro do final do século XIX é o berço da narrativa de Neto. Lá, a população negra pobre marginalizada ensaia os primeiros cânticos de

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal do Ceará (2003). Professor concursado da rede pública estadual (Ceará) desde 2004. É aluno do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. assisjunior38@gmail.com

² NETO, Lira. Lira Neto: "Falar de reserva cultural num país mestiço como o Brasil não faz sentido". Entrevista concedida a Felipe Betim. El País, 03 mar, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/03/cultura/1488551982_697528.html

liberdade e submissão, socializando dor, lágrimas e alegrias num processo de afirmação de sua cultura e de sua vida.

Sabendo do caminho espinhoso que é contar a história de um gênero cercado de paixões e polêmicas, o jornalista se resguardou das possíveis críticas à pretensão de escrever ‘a história do samba’: o artigo indefinido no título protege o escritor – ele não pretende, portanto, escrever a história, mas *uma* história do samba. Seu trabalho é um olhar possível, uma tentativa de contar a formação do samba a partir das histórias de vida daqueles que protagonizaram as primeiras manifestações do gênero.

O samba é o resultado de complexo processo de transformações sociais, econômicas, culturais e políticas. Não esqueçamos que o Rio de Janeiro do final do século XIX é a capital federal de um país que deixava a monarquia e embarcava na aventura da república. Era um novo tempo que nascia. Exigia-se a civilização da cidade capital e do país.

Civilizar para a elite não tem o mesmo significado que para as classes trabalhadoras. Para os pobres, civilizar significava higienizar, remover para as periferias, esconder a pobreza que amedronta. A região central do Rio deveria estar disponível para a urbanização, a limpeza e a higiene social. A gente negra que deixou a senzala tinha destino: os subúrbios e os morros³.

É nesse contexto de transformação urbana que o samba nasce. Como já dito, as políticas públicas do período removem as classes populares para os subúrbios e morros. Os negros e suas manifestações passam por um processo de assepsia que vai condicionar o samba, o carnaval e as festas populares. Para as elites, não bastava embranquecer a pele dos brasileiros, era necessário também embranquecer os símbolos culturais da negritude. Para se preservar, o samba precisou dialogar, ceder, negociar, adaptar-se à nova lógica geográfica da cidade.

Na leitura proposta por Neto, observamos que, com o surgimento da indústria fonográfica, o samba também precisou aprender a negociar com outras formas de imposição cultural e econômica. O samba tornou-se mercadoria do lucrativo mundo do entretenimento. O gênero musical saiu da periferia, da marginalidade, do gueto e passou a ser a principal matéria prima da indústria cultural nascente. O samba foi, portanto, influenciado, apropriado, cooptado. Não foi possível ao gênero ficar incólume.

³ “O historiador Luiz Antônio Simas diz que nada pode ser mais claro, incisivo e objetivo para descrever o que aconteceu no momento seguinte ao fim da escravidão do que o samba da Estação Primeira de Mangueira de 1984, com o cortante verso, livre do açoite da senzala, preso na miséria da favela? Foi com os ex-escravos que começaram a se formar as favelas. E mais uma vez não existia projeto de inclusão para elas. Queimar, remover mandando pra bem longe e assassinar os filhos das senzalas foi o único projeto. Incentivar a imigração de brancos europeus foi a outra face desse projeto, que mais uma vez esquecia a inclusão dos menos favorecidos. Por trás do discurso de parcerias para o trabalho com imigrantes, existia o claro projeto que a classe dominante de então tinha de “higienizar” o país. Era assim que consideravam esse embranquecimento desejado. A imigração européia era incentivada, terras garantidas. A africana? Tinha ficado para trás na escravidão. Negros só nos navios negreiros. Mais uma vez perguntava-se: qual era o projeto de inclusão para negros, pobres, mulatos, cafuzos no Brasil?” (LOPES & SIMAS, 2015)

O Brasil, de forma geral, e o Rio de Janeiro em particular, sempre apresentaram projetos ‘urbanos civilizatórios’ que mascaravam as ações excludentes desses processos. O que se queria na realidade era normatizar o espaço público pela lógica do capital. Não há espaço na cidade para a diversidade cultural. Lira afirma que no Rio da virada do século XIX para o XX era necessário banir os indesejáveis, sobretudo negros libertos, brancos e mestiços pobres. Sem opção, esses indesejáveis vão ocupar os morros. O samba carioca é pai e filho desse morro⁴.

Nas primeiras décadas do século XX o samba carioca estava entre a panela e o fogo: repressão do poder público (polícia) contra os ‘vadios’ – andar com pandeiro ou violão poderia levar à prisão por crime de vadiagem – e o mercado fonográfico. Só restou às pessoas do samba dialogar, negociar. Por isso o biógrafo fala de resistência e conformismo. É esse o mote da narrativa.

A figura de Hilário Jovino Ferreira é central para se entender isso. Trata-se de um personagem que simbolizava o desejo do samba de deixar a marginalidade e conseguir um espaço de reconhecimento na sociedade da época. Ao mesmo tempo em que buscava as autorizações da polícia para que seu rancho (agremiação carnavalesca, avô da escola de samba) pudesse sair nos carnavalescos de rua, ele também buscava reconhecimento pessoal pelo seu trabalho, pedindo apoio às autoridades políticas conservadoras. Essa aceitação impôs perdas e ganhos. Lira nos mostra como o samba, no início, com uma força criadora absurda, é indomável, insubmissa, depois, perde essa característica e se torna um gênero mais palatável para a classe média urbana, para o mercado, para a indústria cultural.

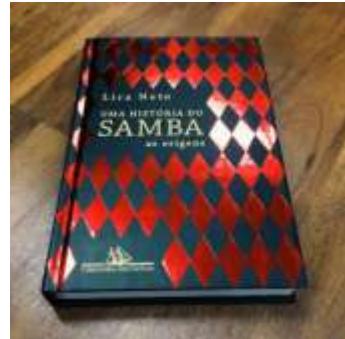
Uma história do samba, as origens apresenta muitas virtudes, tanto na abordagem temática como na postura teórica escolhida pelo autor. Não é um trabalho que tenta resgatar uma ‘essência’ perdida do samba. Lira Neto afirma em seu livro que, na verdade, as essências são construções históricas, sociais. Na música e nas artes em geral não existe a ideia de cultural essencial que se perde ao longo de determinado tempo. No caso do samba brasileiro, por exemplo, a primeira coisa a se perder é a pulsação rítmica original africana, que veio nos navios negreiros. Quando um novo meio influencia essa pulsação se transforma em outra coisa. É necessário romper com a ideia de que algo em cultura é puro, depois se domestica e se corrompe. O processo cultural é sempre transformador, não estático. Na cultura nada está parado no tempo, por isso não é possível dizer que o ‘puro e original era aquele ou aquilo’. Ao querer que esse algo genuíno e puro esteja congelado no tempo, sem nenhuma transformação, estamos matando a própria cultura, sua característica mais importante⁵.

⁴ Id. NETO, 2017.

⁵ Id. NETO, 2017.

O jornalista cearense destaca em sua narrativa a importância da natureza sincrética da cultura brasileira. Observamos essa natureza sincrética quando Neto trata da Festa da Penha⁶, no subúrbio do Rio. A Festa da Penha é uma tradição portuguesa, branca, católica, tomada de gastronomia lusa. Com o tempo, os negros tomaram pra si a Festa da Penha e a tornaram o principal espaço de divulgação do samba, antes do rádio e da indústria fonográfica.

Sem querer satanizar a indústria cultural, sobretudo quando trata de como o mercado mexeu com a história do samba carioca, Lira alerta para um processo de branqueamento⁷ do gênero que o aproximava das classes médias e as elites. Mas é bom entender – outra vez – que esses processos são de perdas e ganhos. Os sambistas souberam compensar a perda de alguma informação histórica anterior (envolvendo letra e melodia, por exemplo), buscando lapidar a expressão do gênero, sofisticando o jeito de cantar as frases musicais, dialogando com outros ritmos daqui e de fora. O livro afirma que o samba é o que é até hoje exatamente porque soube sair do gueto, do fundo do quintal, transformou-se exatamente para deixar de existir. Juízos de valor apenas contribuem para um anacronismo. O samba não é mais o mesmo daquele produzido no início do século XX. Isso é fato. Lira Neto não nos parece preocupado em saber se foi bom ou ruim, em julgar isso. O fato ocorreu e temos que entender como isso aconteceu⁸.



Para finalizar, entre tantos méritos aqui expostos, saliento um: a forma como o autor trata alguns atores da saga que é a história do samba. Ele não romantiza esses atores. Esses sujeitos já sacralizados pela história da cultura brasileira são tratados no livro como pessoas normais, comuns. Não há a preocupação em canonizar essas figuras: a ideia é tratá-los como personagens humanizadas, cheias de defeitos, qualidades, vícios. Ao escrever, o jornalista biógrafo enfatiza os feitos humanos de cada pessoa, cada artista. Expor a contradição dessas figuras – algumas quase intocadas, sem maldade e sem vício, segundo a tradição que chegou até nós – engrandece a narrativa. Temos

⁶ A Igreja Nossa Senhora da Penha está localizada na zona norte carioca, no bairro da Penha. Pertencente ao Santuário da Penha, a igreja é alvo de grande devoção dos católicos, atraindo grande fluxo de pessoas durante o ano, principalmente em Outubro, mês que acontecem as festas. O Santuário existe há mais de 380 anos e seu acesso pode ser feito pelas escadarias, que deram fama a Igreja: são 111 metros de altura e 382 degraus que muitas vezes são utilizados pelos fiéis para se pagar promessas (LOPES & SIMAS, 2015).

⁷ Entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, vigoraram em várias partes do globo as **teses eugenistas**, isto é, teses que defendiam um padrão genético superior para a “raça” humana. Tais teses defendiam a ideia de que o homem branco europeu tinha o padrão da melhor saúde, da maior beleza e da maior competência civilizacional em comparação às demais “raças”, como a “amarela” (asiáticos), a “vermelha” (povos indígenas) e a negra (africana). Nesse período, alguns intelectuais brasileiros incorporaram essas teses e delas derivaram outra, por sua vez, “aplicável ao contexto do Continente Americano: a “tese do branqueamento.” Como consequência dessa ideologia, levas de imigrantes europeus foram trazidas ao Brasil para embranquecer a nação (SEVCENKO, 1983).

⁸ Id. NETO, 2017.

o relato de protagonistas dessa história incrivelmente marginalizados, empobrecidos, esquecidos pelo poder público. Na descrição de Neto, o malandro de terno branco e chapéu que sempre se dá bem é uma ilusão, uma narrativa enganosa. Na verdade essas pessoas viviam muito mal, morriam jovens, de sífilis, tuberculose, facada, tiro. Passavam todo tipo de privação financeira, de saúde e moradia. Essa é a realidade social que o livro tão bem explora.

Lira Neto soube tratar isso e tantas outras coisas no livro de forma correta, honesta e respeitosa. É uma escrita limpa, charmosa e agradável. Uma história do samba é um livro obrigatório para quem cultiva a boa literatura, a história e o mais brasileiro dos gêneros musicais.

REFERÊNCIAS

- CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: Cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- LOPES, Nei. Sambeabá: o samba que não se aprende na escola. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; Folha Seca, 2003.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. Dicionário da história social do samba, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- NETO, Lira. Uma história do samba – as origens. São Paulo: Companhia das Letras. 2017.
- _____, Lira. Lira Neto: “Falar de reserva cultural num país mestiço como o Brasil não faz sentido”. Entrevista concedida a Felipe Betim. El País, 03 mar, 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/03/cultura/1488551982_697528.html
- SEVCENKO, Nicolau. A Revolta da Vacina: Mentes insanas em corpos rebeldes. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- VIANNA, Hermano. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ, 1985.